A *educomunicação possível*: práticas e teorias da educomunicação, revisitadas por meio de sua *práxis*

CLAUDEMIR EDSON VIANA

Considerações iniciais

> *O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. (E aos povos também) É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. (FREIRE,1967).*

A educomunicação é aqui apresentada como conjunto de práticas sociais existentes no contexto da interface entre comunicação e educação; e entende-se a educomunicação também como um conjunto de princípios teórico-metodológicos norteadores de um modelo mais aberto, democrático e participativo da sociedade ao explorar fenômenos relativos àquela interface de maneira particular. Nos projetos de intervenção neste campo profissional, tais fenômenos educomunicativos se dão em processos socioculturais e de aprendizagem já existentes e nos quais é exigida do pesquisador/educomunicador sua atenção para as condições culturais e as estruturas sociais que engendram ecossistemas comunicativos e educativos já estabelecidos. Esta complexidade da prática de intervenção na cultura do grupo também requer deste profissional o aprimoramento de seus conhecimentos sobre a episteme da educomunicação, e dialeticamente com o real no qual o profissional age, pois

é próprio de uma intervenção social ocorrer o enfrentamento do que há de estabelecido no grupo, ainda mais quando se dá por meio de uma proposta de produção coletiva de comunicação, como numa conversa coletiva e aberta, ou numa produção de mídia similar a um jornal, por exemplo, produzidos de maneira participativa, democrática e inclusiva.

Nos projetos de intervenção é preciso partir da compreensão sobre os contextos onde atuaremos/atuamos como educomunicadores e, de maneira simultânea, agir neles norteados pela busca de novas concepções, novos modos, novos sentidos às práticas comunicativas e educativas empreendidas na situação real, inclusive os presentes em muitas situações cotidianas externas ao tempo e local onde se atua. É nesta encruzilhada entre o existente e o a ser construído que encontramos a *Educomunicação possível*, isto é, práticas educomunicativas que acontecem na fresta, na brecha do sistema em crise, que resulta do atrito entre velhas práticas e estruturas organizacionais, e as novas realidades cotidianas e seus desdobramentos, como é o que vem ocorrendo nos campos da comunicação e da educação existentes, e que desafiam todos a lidarem com o novo a partir da herança cultural que temos e no contexto social em que vivemos, manifestados em hábitos, concepções e valores.

A ciência vem apontando com evidências a respeito do longo tempo de evolução da Terra e de seus habitantes, num período de bilhões de anos, embasada na Teoria da Evolução. Mesmo assim, trata-se de suposição a partir de evidências científicas pois não se observou o conjunto dos fatos que constituíram a evolução enquanto ocorriam. Então, entre a ideia bíblica que a Terra e o Homem surgiram do nada, prontos, pela vontade divina, e a ideia científica da evolução de ambos num longo período de tempo, recorre-se ao conceito de brecha até constituir-se na Teoria da Lacuna, que alguns estudiosos da ciência preferem alcunhar de Teoria do Caos para lidar com o imponderável e imprevisível; assim como há teólogos que resolveram alcunhar de Teoria da Brecha o que procura explicar sobre o que houve entre os eventos narrados nos versículos 1 e 2 de Gênesis 1, como tendo sido o espaço de tempo entre a criação divina e a evolução da Terra e do Homem nela.

A ideia da fresta como oportunidade de intervenção transformadora e que se inicia de maneira sutil e frágil, mas que se fortalece a depender do movimento, do processo ocorrido, é outro sentido que o conceito de *educomunicação possível* pode assumir. É preciso para o educomunicador a percepção sobre esta situação muito comum e que é processual. Poderíamos qualificar esta metáfora, por exemplo, por meio de referências até bucólica como as ideias que constituem a Teoria da Brecha, surgida como “adequação” entre o descrito em Genesis 1, considerado um texto simbólico ou poético, e o descrito em Genesis 2, texto

mais lógico, e há também presentes em outras passagens bíblicas que afirmam fatos questionados pela ciência, como por exemplo: “Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou” (Exodo 20.11). “... em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, e ao sétimo dia descansou” (Exodo 31.17).

> La teoría de la brecha postula que existe un lapso indefinido de tiempo entre Génesis 1:1 y Génesis 1:2. Este lapso de tiempo usualmente se entiende como uno bastante extenso (millones de años) y también se dice que abarca las llamadas “eras geológicas.” Los proponentes de la teoría de la brecha postulan que un juicio cataclísmico fue decretado sobre la Tierra como resultado de la caída de Lucifer (Satanás) y que los versos subsiguientes de Génesis capítulo 1 decriben una re-creación o reformación de la Tierra a partir de un estado caótico y no un esfuerzo inicial de creación por parte de Dios. (SOFIEL, 2015)

Aqui, importa é a ideia de se encontrar um caminho intermediário para lidar com os desafios e obstáculos ao compreender os fatos de certa maneira, buscando equacionar possíveis conflitos de versão, e que parece útil para ser levada à reflexão sobre a atuação em projetos de intervenção em educomunicação. Associada a esta ideia da brecha, do intermediário, apresentamos a ideia da *educomunicação possível* pois temos observado isso em muitas situações reais na execução de projetos educomunicativos. Nesta apresentação, pretende-se trazer um mosaico de situações ocorridas durante a realização do projeto Jovens Comunicadores, e que serve de referencia e de reflexão sobre os limites e os desafios da educomunicação em contextos adversos, e como isso pode qualificar a epistemе da educomunicação.

Fazemos isso inspirado na reflexão apresentada pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, particularmente em seu texto *A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico*, em que aponta avanços no texto proposto para tornar-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito à comunicação presente em suas diretrizes. No entanto, ainda destaca que o documento carece de clareza sobre o tratamento do fenômeno comunicacional no e para o processo educativo, e que muito menos apresenta aportes teóricos e metodológicos necessários aos educadores que deverão nortear suas praticas pedagógicas e detalhar os projetos pedagógicos em seus locais de atuação baseados no BNCC, indicando que a formação continuada dos profissionais da educação deverá incidir sobre isso. Por outro lado, também sabemos das condições pre-

cárias de atuação dos educadores na maioria das instituições educativas, e também das deficiências na formação do educador para atuar nesta perspectiva emancipatória que traz o paradigma da educomunicação, o que implica um processo de formação continuada no contexto do trabalho por parte do profissional da educação.

Na analise desenvolvida pelo professor Ismar a partir do estudo realizado sobre o texto preliminar para a BNCC, ao constatar lacunas existentes nas cerca de 80 citações naquele documento sobre aspectos do fenômeno da comunicação e seu uso nos processos educativos, ou ainda, frente aos interesses dominantes do mercado de sistemas educativos, Ismar lembra da natureza da educomunicação em ser uma alternativa ao hegemônico estabelecido, concluindo que

> E mesmo num possível quadro adverso, no futuro, gerado por um presumível monopólio da produção editorial de suporte à educação, a prática mídia-educativa já demonstrou reunir condições de garantir, por meio de seus projetos multidisciplinares, o exercício indispensável da autonomia, da diversidade e do protagonismo dos sujeitos sociais, aqui incluindo conjuntamente professores, alunos e membros da comunidade escolar(SOARES,2016)

Daí que a ideia de *educomunicação possível* ser qualificada como uma situação intermediária, entre o ideal e o possível, o existente e o desejado. E sua utilidade está exatamente em não se perder de vista que a intervenção educomunicativa é construída aos poucos, conforme a evolução da execução de suas propostas, ou seja, sua práxis cotidiana, e que resulta da atuação direta dos sujeitos participantes, co-autores do processo e não meramente reprodutores de ações planejadas por outros e que deverão ser cumpridas. Ou ainda, que é próprio da concepção referendada pela educomunicação nortear-se por um plano aberto às interveniências do contexto e dos sujeitos, e o acolhimento e aproveitamento das contribuições diversas deles manifestadas, enfim, saber lidar com o imprevisível e imponderável.

Assim, o conceito de *educomunicação possível* pode deixar de lado algum valor negativo, depreciativo, como desculpas pela limitação na atuação de intervenção, e pode passar para um elemento positivo na epistemologia da educomunicação, podendo tornar-se inclusive técnica ou estratégia a serviço da execução do projeto. Tal conceito mostrou-se necessário para entendermos e lidarmos com o que se deu no desenvolvimento do projeto em questão, cujos detalhes serão apresentados a seguir.

Um Mundo Possível: Projeto Jovens Comunicadores

Pretende-se apresentar uma síntese reflexiva sobre importante experiência que a ABPEducom teve recentemente ao executar um projeto de educomunicação com crianças e jovens de uma instituição renomada, com mais de 80 anos de atuação na área de assistência social complementar para famílias carentes da região sul da capital de São Paulo.

A experiência surgiu de um interessante processo de rápida aproximação da instituição solicitante com a direção da ABPEducom, demandando a elaboração de proposta que, em dois meses, se tornaria o projeto **Jovens Comunicadores**. A proposta foi financiada pelos parceiros mantenedores da Instituição atendida, o que viabilizou o atendimento a 80 crianças e adolescentes no decorrer de um semestre. Foram atendidas 8 turmas de crianças e adolescentes conforme faixa etária (7-9, 10-13, 14-16), distribuídas em dois períodos da manhã e dois períodos da tarde, atendidas com um encontro semanal de 2 horas, no decorrer dos meses de fevereiro a junho de 2016.

Conforme projeto elaborado em parceria com a coordenação pedagógica da Instituição solicitante e a assessoria deste que escreve como pesquisador do NCE-USP, neste período a equipe de profissionais (03) da ABPEducom deveria promover atividades educomunicativas, e que elas servissem para criar oportunidades de aprendizagem diversas, principalmente referentes às habilidades de relacionamentos interpessoais e para as práticas colaborativas de produção comunicativa; que atuassem nas habilidades socioemocionais; e colaborassem para mudança de cultura de grupo, procurando incentivar a diminuição da violência e promover mais integração, respeito e comunicação entre as crianças, jovens e seus educadores sociais, por meio de atividades de produção midiática ou relacionadas aos processos educomunicacionais.

A instituição procurou pela ABPEducom após pesquisas na Internet e apresentou uma compreensão ainda inicial sobre o que seria a educomunicação, e de como seriam projetos de intervenção socioeducativas ancorados na educomunicação e que poderiam favorecer novas práticas de convívio e aprendizagens entre crianças, jovens e seus educadores sociais. Dentre outras coisas, a coordenação da instituição atendida imaginava que poderíamos então ensinar a este público a criar e manter veículos de comunicação (Jornal, Radio e TV) e, através disso, estabelecer novas práticas e novas relações interpessoais na instituição, muito marcada pela herança assistencialista decorrente dos 80 anos de atuação da instituição, e do contexto real que se mostraria à equipe futuramente, fortemente caracterizado pela cultura escolar tradicional. A coordenação não estava de toda errada, mas prevalecia na visão da instituição o uso instrumental da comunicação.

No mesmo sentido era a expectativa da ABPEducom e da sua equipe técnica que, rapidamente, elaborou proposta detalhada do projeto. Depois de dois meses, foi então fechada a primeira parceria ABPEducom com aspectos específicos como a de ser uma intervenção socioeducativa com crianças e jovens, em ambiente educativo não-formal, por meio dos processos educomunicativos, e a ser custeada minimamente de forma digna pelo saber profissional especializado investido neste trabalho, o do educomunicador.

Promover a educomunicação entre 80 crianças e jovens entre 7 e 16 anos e 10 educadores sociais, organizando um movimento para o desenvolvimento de produções coletivas de mídias, tornou-se, então, o grande desafio do projeto, que poderia ser intensificado no 2º semestre do ano caso viesse a ocorrer a renovação do contrato de parceria.

Após o trabalho da equipe, dos coordenadores e educomunicadores para elaborar o planejamento coletivo dos planos de trabalho, cronograma de atividades e conteúdos para o semestre todo, chegou-se aos dois primeiros instrumentos de intervenção: Plano de Trabalho por Turma/linguagem, e um workshop com os educadores sociais e coordenadores da instituição onde as propostas do projeto puderam ser compartilhados e ajustados.

Até este momento, estávamos trabalhando no Mundo Possível, conceito da filosofia que caracteriza uma situação possível como se mostrava ser a do *Projeto Jovens Comunicadores* e que até aquela altura do processo estava sendo socializada com os educadores sociais da instituição num único encontro de 3 horas de planejamento. Até então, tinha-se uma expectativa bastante positiva para a execução do projeto. Primeiro, pelo fato de a instituição ter procurado e proposto o projeto de educomunicação com parte do público de crianças e jovens que atendia, demonstrando o desejo e a iniciativa neste sentido, o que facilitou em muito a etapa de diálogos entre a direção e a equipe da ABPEducom com a coordenação e educadores sociais da instituição, viabilizando a definição sobre o que seria feito, como e qual o custo para tanto. A coordenação frisava muito que acreditava no poder que as práticas educomunicativas têm de promover o diálogo respeitoso e colaborativo entre as pessoas, e era isso uma das principais expectativas da instituição que justificava a opção por investir num projeto educomunicativo.

Segundo, porque contamos com equipe bastante experiente em educomunicação, havia um planejamento detalhado e bem cuidadoso quanto às atividades propostas e cronogramas, inicialmente prevendo práticas educativas de forma coletiva nas turmas sobre elementos básicos da comunicação, e, a seguir, progressivamente, incidindo na aprendizagem e nas práticas existentes no público atendido, até chegarem ao desejado quando do final

do semestre, ou seja, com uma produção midiática coletiva dos jovens e das crianças da instituição.

Dentre as premissas e fundamentos da educomunicação relacionados ao contexto em análise, e conforme Ismar de Oliveira Soares, podem ser destacados:

1 – O fortalecimento dos espaços de convivência, mediante a gestão democrática dos processos de comunicação e de seus recursos tecnológicos, nos diferentes ambientes e processos de relacionamento humano;

2 – A ampliação do potencial comunicativo dos indivíduos e grupos humanos, mediante práticas culturais e artísticas, assim como por meio do acesso e uso dos recursos disponibilizados pela sociedade da informação;

3 – A educação para a comunicação como um direito das novas gerações, favorecendo aos consumidores/produtores de informação, e o desenvolvimento de um relacionamento autônomo e construtivo com o sistema de comunicação;

4 – O favorecimento do protagonismo comunicativo infanto-juvenil mediante a promoção entre os membros do grupo de práticas de comunicação democrática e participativa.

O *projeto Jovens Comunicadores* se constituía de três módulos sequenciais: *Conhecendo, Experimentando, Produzindo*. Cada um executado durante um mês e meio, e com objetivos centrais bem claros. No primeiro módulo, o objetivo era promover uma aproximação entre os educomunicadores, a turma e o educador social, e também colher informações sobre o perfil geral de cada turma, o reconhecimento da cultura de grupo, sobre os relacionamentos que prevaleciam em cada turma, e observação atenta sobre a forma de atuar dos educadores da instituição nas diversas situações, e realizar atividades para conhecimento e exploração sobre aspectos da cultura midiática de cada grupo. Este diagnóstico era fundamental para adequação do projeto, já que não houve tempo para isso durante a etapa de planejamento.

No segundo módulo, e tendo mais dados e conhecimentos sobre o contexto e a situação em que se encontrava cada turma, foi organizado um conjunto de atividades que encaminhariam as turmas para exercícios de produção em diversos níveis de complexidade, a depender do perfil de cada turma em que não só a idade importava. Neste módulo foram previstos exercícios de pré-produção, de expressão comunicativa sobre algum tema, com a escolha de linguagens a serem exploradas na produção midiática, elaboração de roteiros, simulação de gravações etc.

O objetivo do projeto, ao final do 2º módulo, era a de ter sido criado um movimento em direção à organização de produção coletiva em linguagem escolhida: Jornal, Vídeo e Radio.

O 3º. Módulo seria dedicado então para a organização do grupo visando a produção coletiva e participativa de material midiático e de estrutura básica para veicular suas produções em espaços e veículos da instituição.

Ao final do programa, a instituição avaliaria a necessidade de dar continuidade à parceria talvez em outra modalidade, como a de assessoria, a fim de apoiar o trabalho mais autônomo dos educadores sociais no sentido de continuar com projetos e práticas educomunicativas na instituição.

O mundo real: criatividade e recriação de sentidos na *educomunicação possível.*

Logo na primeira semana de trabalho com as 8 turmas de crianças e jovens, percebemos que o desafio seria muito maior do que o imaginado! Além da natural ansiedade nas crianças e jovens devido a novidade, logo se notaram aspectos próprios do convívio com este público como a agitação, a energia entre os mais jovens de 7 a 9 anos; a natural rebeldia dos adolescentes de 10 a 13 anos, com muita displicência na maioria das vezes porque querem fazer apenas o que desejam e gostam, desafiando os adultos e suas propostas; e entre os de mais idade, de 14 a 16 anos, uma certa apatia de quem já está "moldado" pelo sistema para aceitar o que se tem, ou uma certa revolta contra tal condição ou o que existe no mundo, e por terem mais capacidade de elaboração, acabam por explorar as oportunidades, inclusive por já apresentarem certo nível de cultura digital devido o convívio que têm com celular ou computador, por exemplo.

No entanto, fomos descobrindo aspectos que logo se tornaram ainda mais desafiadores, e também obstáculos ao que o projeto pretendia promover. Um deles foi a forte cultura na instituição de utilizar parte das 4 horas que cada educando passa na instituição para fazer a lição da escola, contando com o apoio do educador social, embora hajam muitas situações diferenciadas sendo oferecidas pela instituição como as oficinas de esportes, de música, de informática, dentre outras. Notou-se também a organização das atividades no decorrer da semana de forma similar ao que se faz na educação formal tradicional, ou seja, de forma isolada numa sequencia de atividades distribuídas em oficinas oferecidas por especialistas, e outras atividades executadas pelos educadores sociais também com práticas tradicionais da educação formal, até apelando para o uso da ameaça, de chantagem e violência no tom de tratamento dispensado às turmas, principalmente no caso das turmas de menor idade, deixando os educomunicadores do projeto preocupados em como conseguir estabelecer relação direta com os educandos calcada em outros valores, como o respeito ao outro, a valorização das expressões de todos, a postura de escuta e argumentação entre os partici-

pantes. Inclusive, a coordenação expressou a dificuldade que vinha enfrentando há algum tempo para criar projetos que integrassem as turmas e os sujeitos da comunidade interna, e desta com a comunidade externa. O único exemplo positivo neste sentido é a tradicional festa junina. A distância entre as duas situações possíveis de produção do conhecimento e de cultura (educação não formal com "ares" da educação formal tradicional e a educomunicação) parecia ser bastante grande naquele contexto real encontrado.

***Figura 1**: situações dentro e fora das salas vivenciadas com crianças da instituição*

Neste contexto de uma cultura de grupo em que prevalecia uma comunicação violenta e conflitiva, o convívio mais respeitoso se estabelecia às vezes por meio de práticas bem tradicionais da educação, como a da centralidade no educador social e pelas suas práticas educativas bastante autoritárias. Por outro lado, porque se notava a dificuldade em lidar com alguns dos sujeitos que, por motivos pessoais e diversos, apresentavam um perfil bastante antissocial, as vezes porque passavam por momentos de crise aguda no contexto pessoal ou familiar, chegando em determinadas situações a se criar riscos para os colegas e mesmo para os educadores, como na vez em que uma garota de 8 anos trazia uma faca em seus pertences até que se descobriu que isso era uma autodefesa frente aos abusos cometidos pelo pai no contexto familiar.

As dificuldades para avançar no plano de trabalho logo se tornaram agudas com o início da 2ª. etapa do projeto, a da *Experimentação*. Mesmo entre os educomunicadores se percebia uma angustia por não conseguirem atuar de maneira tranquila e plena, tendo muitas vezes que compactuar e até repetir certas práticas do educador social, bastante rígidas e até ameaçadoras para conseguir a atenção e participação das crianças; ou tendo dificuldade em conquistar a confiança dos adolescentes de maior idade até conseguir tê-los motivados e envolvidos com a proposta do projeto. Mesmo esta situação tendo sido tema dos

encontros semanais com a gestão do projeto (ABPEducom e NCEUSP), a situação foi levada à coordenação da Instituição e tratada em algumas reuniões, mas sem muita solução na pratica. Outros elementos se somaram a esta condição adversa como o da intensa troca de educadores sociais, tendo o educomunicador que assumir sozinho a turma durante o encontro de educomunicação, tornando bem tardia a presença e o envolvimento do novo educador social substituto.

Uma medida tomada no momento em que se percebeu a dificuldade da equipe de educomunicadores em avançar na execução do projeto foi a contratação de um profissional especialista em pedagogia para acompanhar todos os encontros e, assim, dar apoio e subsídios aos educomunicadores na execução das atividades, bem como na analise das situações e no planejamento das atividades e sua avaliação.

A situação de dificuldades no projeto para avançar chegou a um ponto crítico que levou os educomunicadores a pedirem o desligamento do projeto, e de maneira imediata, pois não se sentiam mais capazes de atuar naquele contexto para alcançar os objetivos traçados no projeto. Tal situação, de choque praticamente, envolveu a equipe de gestão do projeto, da ABPEducom e do NCE USP, para encontrar substitutos a altura da especialidade do projeto, do objeto do trabalho, e do contexto e situação onde atuariam.

O momento se tornou um exemplo de que é nas situações de crise que podem se dar mais potencialmente as oportunidades de mudanças. Com a experiência acumulada no projeto nos quase dois meses de atuação diretamente com as crianças, jovens e educadores sociais da instituição, sabia-se que para atingir condições no grupo que viabilizassem a produção coletiva de comunicação midiática baseadas na educomunicação, seria preciso atingir um nível de convivência minimamente respeitosa e participativa entre os sujeitos-alvo do projeto, e que nada parecia ser possível conseguir neste sentido frente à realidade apresentada e no contexto encontrado. E isto também fazia parte das percepções dos educomunicadores que vinham atuando até então, bem como da equipe gestora do projeto.

Sendo assim, frente ao momento crítico de troca de equipe atuante na ponta, isto é, junto às turmas de crianças e jovens, e a partir de onde chegaram, optou-se também por alterar consideravelmente os métodos e as estratégias de atuação. É, afinal, nos momentos de crise que podemos e até devemos ter a audácia de provar ajustes significativos no que se está fazendo. Entendeu-se a situação vivida pela instituição e pelo projeto como sendo um tempo em que o velho já se foi, mas o novo não tem forma ainda, como explica Zygmunt Bauman. Seriam situações de interregno, isto é, o espaço “entre o que não é mais e aquilo que não é ainda” e cujos novos caminhos são rascunhos do futuro possível, mas ainda não real.

Mesmo com muitas dificuldades, até então, a etapa 1 e a primeira metade da etapa 2 do projeto puderam ser desenvolvidas pelos educomunicadores de forma bastante satisfatória, embora de maneira mais lenta e ajustada ainda às situações cotidianas da instituição. Estávamos então já com produção de material para Jornal Mural, dinâmicas que exploravam o quintal e outros espaços da instituição de maneira lúdica, produção de estórias com massinha e gravação por tablete e celular, iniciando a gravação e edição de som e imagem nos computadores da sala de informática.

No entanto, sabia-se que o problema de fundo e, portanto, central para o desenvolvimento das propostas do projeto requereria outros caminhos que pudessem trazer para o centro do trabalho aspectos como o da convivência respeitosa entre as crianças e jovens, a oportunidade de se divertir, de a alegria e a participação interativa com o grupo serem agradáveis e estimulantes, distanciando-se do clima tenso e torturante da cultura prevalecente. Daí vislumbrou-se que o uso de recreação, do lúdico, poderia se somar ao uso da arte para potencializarem aspectos cruciais para a existência de condições positivas, que viabilizem a produção coletiva de comunicação, ou seja, o respeito mútuo e a capacidade de atuação em conjunto, em parceria e em diferentes formas e situação de expressão comunicativa, dialógica, usando de diversas artes e linguagens, como no caso de teatro e vídeo.

Resolvido isto, buscamos entre os associados quem pudesse atender a esta demanda especial de atuar por meio da recreação e do lúdico, jogos e dinâmicas como recurso central para cultivar entre os participantes a capacidade de estabelecer parcerias, a de respeitar regras e combinados coletivos, a de vivenciar diferentes situações como a perda e a vitória, a de colaborar para o desenvolvimento de atividades coletivas. Estes e outros aspectos são o tipo de conhecimento e comportamentos, dentre outros é claro, que a recreação e as atividades lúdicas têm como contribuição à educação integral dos sujeitos, além de viabilizar situações de prazer, alegria e criatividade.

Logo se conseguiu identificar o associado com muita experiência profissional nesta frente de atuação, e que foi bastante solidário conosco e acabou por envolver mais alguns outros profissionais de sua empresa, bastante experientes nestes serviços sem maiores custos, para se garantir condições mínimas de uma intervenção bastante intensa e densa de dinâmicas, jogos e recreação, pois só assim acreditávamos que seria possível mudar o rumo da trajetória das atividades do projeto. Imediatamente, com a atuação da nova equipe de educomunicadores por meio da recreação, conseguiu-se resgatar a empatia, o envolvimento e a motivação que no início do projeto foram encontrados, mas agora de maneira dirigida a revalorizar o respeito ao outro, os momentos coletivos, e a cada momento de protagonismo do outro. A liderança conquistada pelos novos educomunciadores foi imediata, e o envolvimento afetivo e a motivação entre as crianças e adolescentes

foram notórias. Logo, os educomunicadores estavam com a segurança em dirigir as situações, mesmo às vezes com certa rigidez, mas garantindo o respeito e a compaixão, a parceria entre os participantes.

As ações educomunicativas ganham novos sentidos na medida em que estabelecem laços entre os jovens e assinalam o afeto como um importante elemento na construção de conhecimento e na formação cidadã desses atores (COSTA, 2014).

***Figura 2**: Situações de recreação com jogos e dinâmicas*

Neste momento, a coordenação da Instituição considerou grave a situação bem como a medida tomada, pois entendia que tal metodologia desvirtuava-se da de um projeto de educomunicação, e porque se falava na instituição que o projeto não passava de brincadeiras, outro estigma do qual a instituição procurava se distanciar. Justamente, neste momento trazia-se para o centro de atuação no projeto a recreação e as artes. Foi necessária muita argumentação da parte da gestão do projeto, bem como a produção de explicações a respeito dos métodos adotados pelo projeto por meio de um texto explicativo, que foi socializado no mural e no site da instituição, para que, então, a coordenação se acalmasse um pouco, sem diminuir a vigilância no que estava acontecendo no projeto.

O interessante é notar que outras situações passaram a ocorrer na instituição e que indicavam indícios de novas práticas mais positivas de convivência social. Tratou-se de reuniões entre as crianças e jovens para discutirem sobre o cotidiano na instituição, e para elaborarem propostas a serem encaminhadas à coordenação, chegando a provocarem reuniões com a coordenação pedagógica e a administrativa para falarem dos problemas cotidianos na instituição. Não se quer dizer com isso que tais fatos seriam decorrentes da intervenção do projeto até o momento, mas isso fez acreditar num outro possível que não o encontrado pelo projeto e experimentado em sua execução, e que seria tão valioso ou mais, visto ser autêntico e protagonizado pelas crianças e jovens, sendo significativo para os atores envolvidos, e isso ajudou a fortalecer os ânimos dos educomunicadores em ação.

Decorridas três semanas com novas estratégias e produções, por meio das reuniões semanais de acompanhamento do projeto com a gestão, transitou-se das atividades recreativas e lúdicas para a retomada da produção de material midiático pelos participantes, sobre aspectos das mesmas práticas lúdicas e, paulatinamente, sobre outras situações ou temas surgidos em cada turma. Quatro turmas optaram pela produção de audiovisual, e duas pela de jornal impresso e mural, assim, não houve interesse pela produção radiofônica e também porque não havia equipamento adequado. Também foi retomado o processo de aprendizagens sobre elementos de cada linguagem escolhida, como a escolha de tema, produção de roteiro e a produção de conteúdos, recursos e técnicas.

Ao final, chegou-se a produtos como Jornal coletivo, montado em cartolinas, e a produção de dois vídeos com histórias ficcionais interpretadas pelos jovens e que demandaram a exploração de recursos básicos de edição e finalização, tratando de temas de interesse dos jovens como violência, drogas e profissões.

Na ultima semana, foi feita a instalação de exposição com os trabalhos produzidos, e foram apreciados os vídeos e até o perfil da instituição no Facebook, construído por uma das turmas com o compromisso de nele veicularem as futuras produções.

***Figura 3**: Etapas de produção de parte do Jornal Mural*

***Figura 4**: Vídeo produzido por uma das turmas (10 a 13 anos)*

***Figura 5**: Jornais em cartolina produzidos pelas turmas de 7 a 9 anos*

***Figura 6**: Perfil no Facebook criado pela turma de 14 a 16 anos*

Apesar de a equipe avaliar de forma positiva o que foi conquistado e o que foi realizado até o momento pelo projeto, havia uma leitura da coordenação não tão positiva creditando fracasso ao projeto por não ter sido atingida a desejada produção de comunicação midiática na escola, como algo similar a uma rádio ou uma Tv. Assim, a continuidade do projeto não foi possível tendo, entre outros motivos alegados pela instituição, o fato de não haver recursos em caixa para a continuidade da parceria.

Como nos exemplos acima, o foco desta análise esteve em compreender aspectos principais da experiência obtida com o projeto *Jovens Comunicadores*, e as características de um processo de intervenção por meio de projetos educomunicativos em espaços de educação não-formal com crianças, jovens e educadores sociais da instituição. Dentre os aspectos, destacam-se alguns que dizem respeito a algumas áreas de intervenção da educomunicação, a saber:

1 – A gestão da comunicação em espaços educativos. Desde o primeiro momento do processo, ainda na etapa de tratativas entre direção da ABPEducom e a Instituição solicitante, até o ultimo ato no projeto, aspectos do processo que dizem respeito à gestão foram fundamentais, e queremos destacar algumas tomados no campo científico e profissional da educomunicação. Trata-se dos modelos de gestão que são, em grande medida, entendidos como oportunidade para fazer diferente do que existe nas praticas sociais hegemônicas, como os da comunicação e da educação encontradas naquela instituição. Ou seja, cuidar para promover entre os envolvidos práticas e aprendizagens de gestão participativa, dialógica e democrática dos processos de convivência, do princípio ao fim deles, e muito de acordo com os contextos e as condições encontradas. Alguns elementos da gestão são importantes e merecem cuidados por parte das lideranças no projeto tais como os referentes à gestão de pessoas e conflitos, a promoção de situações de parceria e co-autoria de diversos conteúdos em suportes/linguagens específicos, exercícios de diálogo e construção de níveis possíveis de consenso entre os envolvidos entorno de temas e situações de seu interesse, sem perder a oportunidade de reconhecer e valorizar a diversidade e a contribuição de cada sujeito envolvido. O elemento *gestão participativa e democrática* requer habilidades especiais do educomunicador quanto à organização, planejamento e avaliação dos processos vividos durante a execução do projeto. Tais instrumentos e estratégias de gestão em educomunicação partem de situações e projetos similares de onde o tomamos, mas estas e as novas situações são caracterizadas pelo compromisso com a dialogicidade e a participação democrática de forma mais ampla possível, tornando isso também conhecimento a ser ensinado por meio da prática de mediação dos processos pelo educomunicador. E isto entre crianças e jovens e em contextos de educação não-formal, por si só, já é um enorme desafio. Quando em situação de uma cultura de grupo que pratica o inverso, torna-se quase que um

embate constante, como veio a se mostrar no projeto. Ainda tratando de gestão, e na mesma diretriz de concepção a respeito, foi fundamental a prática de reunião semanal entre os educomunicadores e a coordenação do projeto para avaliar o andamento da execução das atividades planejadas, passo a passo, bem como a discussão e encaminhamentos a respeito de situações particulares encontradas a cada encontro de cada turma, no decorrer de cada semana. Isso garantia acompanhar e ajustar atitudes e caminhos a serem percorridos nos contextos e situações encontradas, e nos quais se encontrava o limite de atuação coerente com práticas educomunicativas, até o nível de intensidade e completude que foi possível acontecer, isto é, a *educomunicação possível* na gestão dos processos a caminho de práticas democráticas, abertas, dialógicas e produtivas para o coletivo.

2 – A educação para a comunicação foi outra área de atuação de projetos de intervenção em educomunicação que mais pôde ser vivenciada no projeto. Desde os primeiros encontros, elementos sobre a cultura midiática dos participantes e conteúdos iniciais sobre comunicação estavam presentes na atuação dos educomunicadores, e de acordo com o plano de trabalho do projeto. Tratou-se de utilizar imagens em papel, explorar o desenho produzido pelos sujeitos, produção de diversificadas mídias e linguagens, de acordo com a turma e o tempo decorrido dos encontros, como cartazes, fotos, gravações e princípios de edição do material audiovisual. Apesar das dificuldades encontradas nos contextos vividos pelo projeto, sempre ocorreu algum tipo de produção de algo e sobre algo expressado pelos sujeitos, comunicando opiniões e leituras sobre temas e situações tratadas por meio dos exercícios de produção. Temas como alimentação, cidadania, respeito, mídias, drogas, alcoolismo, preconceito estiveram presentes nas produções. Exemplos neste sentido foram: dificuldade entre os de menor idade de ler e escrever, estando a maioria na fase inicial de alfabetização, frente ao desafio do projeto de produção de jornal impresso pelas turmas entre 7 e 9 anos; e entre os de mais idade, o desafio estava em conseguir o envolvimento real deles, pois de muitos se ouvia a queixa da falta de diálogo e consideração a seus pleitos por parte da coordenação, justificando assim a apatia e descaso que a instituição oferecia, tornando o encontro semanal distribuído entre oficinas, lição da escola, e bate-papo.

3 – A mediação tecnológica na educação esteve em questão o tempo todo do projeto. Primeiramente como mistério e desafio, pois não tínhamos conhecimento do espaço e das instalações necessárias para se desenvolver as 2ª. e 3ª etapas previstas. E também porque logo percebemos limitações no tipo e no uso de equipamentos disponíveis no laboratório de informática e de tablets oferecidos pela instituição. Apesar da disponibilidade de recursos e do apoio de um educador para informática, foi preciso um tempo maior e uma habilidade maior no projeto até conseguir usar os computadores para o trabalho com as

produções midiáticas. Esteve presente também como tema, pois assuntos como uso seguro e responsável da internet, o *ciberbulling*, as múltiplas oportunidades que a tecnologia digital e em rede oferecem aos sujeitos e aos grupos organizados, como o de produção de algo para comunicar a outros e a muitos, como no caso da própria web com o potencial de perfil em rede social, ou canal no Youtube, condição inédita que até pouco tempo atrás era imaginável de existir e de ser explorado por crianças e jovens de famílias carentes, cuidando-se assim também da alfabetização informacional e midiática deste público.

4 – A pedagogia da comunicação e a expressão comunicativa por meio da arte são outras duas áreas de intervenção da educomunicação que tiveram presentes na execução do projeto, tanto nos momentos e instrumentos teórico-metodológicos do projeto, quanto em situações concretas acontecidas a partir da participação dos sujeitos nas atividades propostas, e da atuação do educomunicador de acordo com cada etapa do processo. Inicialmente focado na empatia e interação com os sujeitos e na percepção sobre quem são e como atuam cada um e o coletivo de cada turma, foram promovidas atividades que exploravam a expressão comunicativa dos sujeitos por meio da produção artísticas, estimuladas por dinâmicas ou diálogos mediados pelos educomunicadores. Por outro aspecto, porque estavam previstas praticas de educação sobre algo explorando estratégias e recursos da comunicação, o que entendemos ser o objeto específico de preocupação da área da Pedagogia da Comunicação, contribuindo com práticas de ensino difrerenciadas. Ou seja, explorar formas, meios, recursos e estratégias utilizados na comunicação midiática e que podem servir à intenção explícita de educar para algo, no caso, sobre a própria comunicação e, ao se tomar consciência sobre aspectos ou algo que diz respeito aos sujeitos e seus cotidianos. A outra área de intervenção é a da arte, esta naturalmente presente nas produções de situações, atividades, e mídias comunicativas, como parte do fenômeno educomunicativo, e como meio de praticar importantes aprendizagens como o de expressar-se por meio das artes. Neste projeto, além da arte ter papel similar as atividades lúdicas e de recreação executadas durante a 2ª. etapa de atuação, quando da atuação da nova equipe em substituição à que iniciara a execução do projeto. Entendemos que elementos e situações próprias do foco de intervenção na interface comunicação/educação, existem e se dão de maneiras integradas e concomitantes a outros processos cognitivos e emocionais, e que integram o conhecimento e sua construção, como o caso da exploração da recreação e do lúdico em determinado momento crítico do projeto, sem que isso tenha se tornado algo pontual e "desarticulado" do restante que constituiu o projeto. Pelo contrário, neste projeto se tornou a estratégia que permitiu retomar diretrizes fundamentais para o avanço do projeto, como o da empatia e das relações interpessoais mais respeitosas e agradáveis,

para daí estimular isso também por meio de praticas e reflexões a cerca da cultura midiática, referendadas pelo paradigma da educomunicação.

Considerações Finais

O projeto *Jovens Comunicadores* representou um grande desafio para a equipe de educomunicadores, associados da ABPEducom e que são especialistas neste campo, frente ao que representou implementar práticas educomunicativas em contextos socioculturais e entre sujeitos de grupo social com perfil bem particulares, isto é, crianças e jovens de famílias carentes. Mesmo ciente dos desafios e estando atento aos fatos em processo, e cuidando profissionalmente com uma gestão participativa, aberta e flexível, em diversos momentos a equipe de educomunicadores se perguntava se a intervenção educomunicativa sofria grande limitação ou mesmo desvirtuamento das propostas e premissas, em razão dos fatos e percepções que ocorriam durante a execução do projeto.

Nos momentos de crise absoluta, criou-se a oportunidade de alterar estratégias e objetivos como reverter a direção das praticas, visando resguardar a possibilidade de atingir os objetivos traçados pelo projeto, mesmo que estes sejam revisitados ou que suas dimensões sejam reavaliadas. Foi o que ocorreu no projeto *Jovens Comunicadores* quando da troca da equipe de educomunicadores e a aposta na recriação e no lúdico como estratégias para retomar a mínima condição de relacionamento interpessoal e de grupo, o que viabilizou retomar, em seguida, a produção midiática como meio de ação e objeto do projeto de intervenção amparados no paradigma da educomunicação.

Identifica-se esta situação de um projeto educomunicativo como sendo um importante aspecto do fenômeno educomunicativo. Trata-se da *educomunicação possível* como sendo parte do processo de transformação de praticas e conhecimentos que se dão de acordo com as condições e limites oferecidos pelos contextos onde atuamos. *Educomunicação possível* é a constatação conceitual sobre uma situação real particular à práxis educomunicativa em contextos adversos, como também é instrumento teórico-metodológico para manipular os processos educomunicativos planejados e em execução, para, assim, fortalecer ainda mais o potencial de sucesso do projeto de intervenção educomunicativa em situações e cenários adversos.

Espera-se ter demonstrado o quanto a *educomunicação possível* é uma situação real a se esperar pela própria natureza transformadora e irruptiva que o paradigma implica, sem implodir o existente, entretanto. Propõe-se também que seja adotada tal ideia como um conceito teórico do paradigma da educomunicação, e que isso pode ajudar na compreensão sobre aspectos da intervenção, como fortalecer um movimento protagonizado pelos sujeitos envolvidos nas atividades educomunicativas, de modo a promover a criatividade

e a autonomia deles (como produtores de cultura e conhecimentos), mesmo nos limites e nas adversidades do contexto e das conjunturas do ambiente onde se dão.

Referências

BAUMAN, Zygmunt; Mauro, Ezio. Babel – entre a incerteza e a esperança. Editora Zahar, SP. 2016.

COSTA, Rosa Maria Cardoso Dalla; GOMES, Evanise Rodrigues. *EDUCOMUNICAÇÃO E AÇÃO SOCIAL: As práticas educomunicativas nos Centros de Referência de Assistência Social de Curitiba*. Anais do XXIII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT02_COMUNICACAO_E_CIDADANIA/artigorosadallacosta-evanisegomes_2143.pdf

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Paz e Terra. RJ 1967. Pg. 56

SILVA, Ana C. Rodrigues; FERREIRA, Ana L. Oliveira. *Educomunicação: Um novo campo para intervenção do Educador Social*. EDUSER: revista de educação, Prática pedagógica. Instituto Politécnico de Bragança, SP. Vol 3(2), 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 13-25, may 2016. ISSN 2316-9125. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/110451/112708>. Acesso em: 16 may 2017.

_____ Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Existe espaço para a educomunicação e a mídia-educação no novo projeto do MEC. ABPEducom. 2015.

https://issuu.com/abpeducom/docs/texto_bncc_-_existe_espa__o_para_a_

SOFIEL, JACK. La “Teoría de la Brecha” Acerca del Capítulo Uno de Génesis. 2015 . Acesso 01/05/2017 https://bible.org/node/3042.

O AUTOR

CLAUDEMIR EDSON VIANA - Professor Dr. Da Licenciatura em Educomunicação, Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Coordenador e pesquisador do NCE USP – Núcleo de Comunicação e Educação.